

SE TENTASSE ABORDAR O REAL

Jacques Laberge¹

Em fins de 1953, a editora Presses Universitaires de France publica sob o título “A técnica psicanalítica” uma obra contendo vários artigos de Freud apresentados entre 1904 e 1918 (O método psicanalítico; Da psicoterapia; Perspectivas de futuro da terapia analítica; A propósito da análise leiga; O manejo da interpretação dos sonhos em análise; A dinâmica da transferência; Conselhos aos médicos sobre o tratamento analítico; Do falso reconhecimento (já contado) no decurso do tratamento psicanalítico; O início do tratamento; Rememoração, repetição e elaboração; Observações sobre o amor de transferência; As vias novas da terapêutica psicanalítica).

Lacan lembra que Freud se refere constantemente à técnica, por exemplo, na Interpretação dos sonhos, nos Estudos sobre a histeria e em Análise terminável e interminável.

A tríade “O simbólico, o imaginário e o real” havia sido introduzida em junho de 53. Na edição oficial do Seminário I de Lacan, dispomos de uma única sessão de 1953, a da abertura de 18 de novembro. O termo “real” aparece pela primeira vez neste Seminário na sessão de 13 de janeiro de 54. Logo antes, Lacan havia destacado a singularidade de cada caso e o trabalho de análise como “reescrever a história”.

Aqui a experiência analítica é dita por alguns como apreensão fantasmática do mundo que deve reduzir-se, transformar-se, equilibrar-se em uma certa relação ao real. O acento é colocado, diferentemente do que em Freud, sobre a transformação da relação fantasmática em uma relação que se chama, sem procurar além, real (21). Já que se sustenta que se trata de obter uma readaptação do paciente ao real, precisaria de qualquer jeito saber se é o ego do analista que dá a medida do real (24). Lacan se revela crítica desta posição, pois a posição freudiana iria na linha de uma reescrita da história. Conforme estes autores tratar-se-ia de uma redução do imaginário, para uma relação mais “real”. Ora, curiosamente, vinte anos depois, o Seminário XXII, R.S.I., apresenta a experiência analítica como operando do equívoco fundamental do Simbólico, reduzindo o sentido que é do campo do Imaginário, enquanto o real é “estritamente impensável” (10-12-74). De fato, o real a partir de 1970 se chama, sobretudo “o impossível do rapport sexual”.

¹ Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

Palavra Recusada - Palavra Esquecida

Vou destacar agora algo das sessões de 3 e de 10 de fevereiro de 54. Lacan focaliza a importância da palavra. É, aliás, a característica do Seminário: dar a primazia não ao ego, mas à palavra. Lacan diferencia a palavra recusada da palavra esquecida. A palavra recusada, porque *verworfen*, rejeitada pelo sujeito (64) se vê ilustrada pelo caso do “Homem dos lobos” que recusou, rejeitou - o termo alemão é *verwirft* - tudo o que é do plano da realização genital (54). A palavra esquecida, Signorelli, termo esquecido por Freud, por ser Signorelli associado à morte como “signor”, morte de um paciente de Freud.

Lacan fala de uma resistência, que tornaria a vinda da palavra impossível (60).

Quando se refere à alucinação do dedo cortado do “Homem dos lobos”, Lacan especifica que se trata de uma *Verwerfung*, de uma rejeição situada em uma não-*Bejahung*. Fala de um real primitivo neste fenômeno de psicose (70).

Ali, Lacan distingue o reconhecido do visto: o que não é reconhecido faz irrupção na consciência sob a forma do visto (70).

A palavra esquecida já foi reconhecida. Ela não o é atualmente pelo esquecimento. A palavra recusada nunca foi reconhecida. Ela é vista na alucinação.

Análise das Resistências

Questionando Anna Freud e sua análise das resistências que interpreta a relação analítica conforme o protótipo da relação dual, que é a relação do sujeito à sua mãe (...) quando o analista entra em uma rivalidade de eu a eu com o analisado (78). Lacan sublinha que o analista ignora a constelação simbólica que jaz no inconsciente do sujeito (79) e que deve estar atento às ambiguidades do complexo de Édipo. E ali Lacan fala, no plural, das relações duais da estrutura edipiana. A relação que liga o sujeito à mãe é distinta daquela que o liga ao pai, a relação imaginária ou narcísica com o pai é distinta da relação simbólica, e também da relação que devemos chamar real - a qual é residual em relação à arquitetura que nos interessa na análise (79). E é algumas linhas depois desta afirmação que a alucinação do “homem dos lobos”, como resultado da simbolização do sentido do plano genital (que) foi *verworfen* é identificada ao real, a um real que recebe uma definição. O real, ou o que é percebido como tal, é o que resiste absolutamente à simbolização (80).

Chama atenção aqui o real como “residual”. Este residual não deixa de anunciar o “ex-siste”, dos anos 70, o “ex-siste” do impossível do “rapport” sexual, articulado ao Simbólico como buraco e ao Imaginário como consistência.

Mas o real vai se firmar como impossível do rapport sexual somente a partir de 1970. Nos anos cinquenta, a palavra recusada não é do estrutural impossível do rapport sexual, mas do fenômeno psicótico.

Melanie Klein

A partir do trabalho de M. Klein considerado como o primeiro de análise de criança psicótica - embora este diagnóstico possa ficar suspenso - Lacan aproveita para ilustrar o inconsciente como discurso do Outro: é o discurso de M.Klein que enxerta (...) as primeiras simbolizações da situação edípica (100), simbólico articulado ao imaginário do jogo de projeções e introjeções, expulsões. E aí Lacan diz: todo problema é aquele da junção do simbólico e do imaginário na constituição do real (88).

Aqui aparece o real como efeito da junção do simbólico e do imaginário. E o que vem em seguida no texto do Seminário é a constituição da imagem real a partir do espelho côncavo. Mas isso em função da diferenciação do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica, falando ali de relações reais ou objetivas (93). Um pouco mais adiante, vemos no texto que o mundo exterior, real, é um mundo humanizado, simbolizado, feito da transcendência introduzida pelo símbolo na realidade primitiva. Lacan diz, por exemplo, que o pequeno Dick não está no real (102), que no caso aqui significaria que não está integrado ao mundo real, isto é, o mundo simbolizado. É a partir da colocação em ato do recalque, do inconsciente, que a palavra de M.Klein ilustra junto ao pequeno Dick, que há uma ordenação dinamizadora do psiquismo. A mola desta observação é o que devem entender - a virtude da palavra, enquanto o ato da palavra é um funcionamento coordenado a um sistema simbólico já estabelecido, típico e significativo (103).

E passando à sessão seguinte, logo Lacan nos fala que somos levados, para entender a experiência analítica, a partir de novo (...) da função simbólica, (...) função da palavra (105). E de novo, na sessão seguinte, insisto na noção do simbólico dizendo que convém sempre partir dali (125). Lacan lembra que os registros, o simbólico, o imaginário e o real (...) não são três campos (...). Há várias maneiras de introduzir as noções. A minha tem seus limites, como qualquer exposição dogmática. Mas sua utilidade é de ser crítica (130-131).

Dans la schizophrénie, il se passe quelque chose qui perturbe complètement les relations du sujet au réel (132). O real aqui é bem do mundo exterior, real. O sujeito psicótico, se ele perde a realização do real, não encontra, ele, nenhuma substituição imaginária. É isso que o diferencia do neurótico (134). Ele se situa em um irreal

simbólico. O que há de certo é que Lacan se refere muito à psicose, a fenômenos psicóticos nesta primeira metade do Seminário.

Em sua Introdução ao narcisismo, Freud nos diz que neuróticos e psicóticos se afastam da realidade externa, mas que só o neurótico substitui este afastamento por fantasias. E Lacan que, na sessão de 24 de março de 54, comenta este texto de Freud, usa muitas vezes real neste sentido usado por Freud, assim como quando questiona a posição que fala que o sujeito progride no imaginário para um estado ideal da genitalidade que seria a sanção e última mola do real. Temos então que precisar agora as relações da libido com o imaginário e o real (141).

Estamos aqui em um seminário, não professamos um ensino ex-cathedra (146).

Freud utilizou Ferenczi que trouxe os famosos estádios e que escreveu um artigo em 1913 sobre o sentido da realidade, na época em que se inicia a articulação da constituição do real. Lacan comenta: A primeira teoria analítica da constituição do real é impregnada das ideias dominantes na época, que se exprimiam em termos mais ou menos míticos, sobre as etapas da evolução do espírito humano (146). E Lacan afirma que as posições de Freud não remetem a mecanismos evolucionistas, mas estruturais.

Aí onde se desenvolve toda a experiência analítica, na junção do imaginário e do simbólico (157). Aqui podemos dizer, o real está sobrando.

Uma observação de Lacan: no fim das raras análises que podemos considerar como terminadas - é ele (Balint) que se exprime assim. Balint é um dos raros que sabem o que dizem (198).

O termo ou o conceito (...) não é simplesmente uma sombra, um sopro, uma ilusão virtual da coisa, é a própria coisa. Reflitam um momento no real. É pelo fato que o termo elefante existe na língua deles (...) que os homens puderam tomar em relação aos elefantes (...) resoluções muito mais decisivas para estes paquidermes que qualquer coisa que lhes aconteceu na história (...). Basta que eu fale, não é necessário que eles estejam alí para que estejam bem alí, graças ao termo elefante, e mais reais que os indivíduos-elefantes contingentes (201).

Esta citação é importante, porque remete ao elefante real que existe e diz que a palavra elefante é mais real que o elefante real, porque é a partir da palavra elefante que ocorre coisas aos elefantes. É o real do discurso sobre os elefantes. É o real da fala sobre eles. É a fala pronunciada realmente. Isto é o elefante não somente fantasiado, mas falado.

Lacan diz que o simbolismo da linguagem tem uma função de pacto (202).

O que me chama atenção é a importância radical da palavra, do simbolismo de linguagem e de sua função de pacto, do inconsciente como discurso do Outro, no caso

de M.Klein introduzindo no pequeno Dick o esboço do mito edípico, o esboço do inconsciente.

Praticamente a metade do Seminário fala da palavra recusada nos fenômenos psicóticos com eu efeito de real, em oposição à palavra esquecida, como fenômeno tipicamente neurótico, ver o esquecimento de Signorelli na experiência de Freud em cima da morte, da morte de um paciente.

A parte intermediária do Seminário I fala da experiência especular, imaginária, narcísica em relação ao espelho, a imagem virtual e à imagem real que o arco-íris realiza e que o espelho côncavo permite realizar, tudo dependendo do lugar do sujeito, o sujeito como s'representante do simbólico.

Isto é, quase uma primeira metade do Seminário tenta a articulação do simbólico-real, embora o real seja apresentado como um resíduo ou o efeito da junção do simbólico com o imaginário. Mas não há dúvida que o fenômeno psicótico que é destacado. Ver o lugar da alucinação do dedo cortado do “homem dos lobos”, o lugar do pequeno Dick de M. Klein e do pequeno Roberto de Rosine Lefort.

A parte intermediária sobre o narcisismo, o imaginário, o especular, tentando articular a imagem virtual e a real através do espelho plano e a entrada do espelho côncavo tenta a articulação do simbólico com o imaginário. Pois tudo depende da posição do sujeito, como representante do simbólico, para se ver ou não a imagem real, isto é não somente a imagem virtual da totalidade, mas a imagem real, isto é as várias cores do arco-íris do corpo fragmentado.

A partir do 5 de maio, Lacan começa a se referir, e cada mais sistematicamente, a Balint. Por quê? Porque vai começar a falar mais do desejo. Desejo como desejo do outro, realizado no outro. Desejo que remete ao objeto. E objeto é o assunto de Balint. E Lacan quer mostrar que o símbolo, ver o jogo do fort-da, é mais importante que o objeto em si. E ali Lacan fala da palavra elefante, mais importante que o objeto elefante. (201).

Na última parte do Seminário, isto é, quase uma metade, Lacan a consagra a Balint. Então ele valoriza Balint, usando a expressão é um dos raros que sabem o que dizem (198), ou Balint é um dos analistas dos mais conscientes. A exposição do que faz é das mais lúcidas (206). Mas Lacan questiona esta abordagem da satisfação do desejo, do amor primário, lamentando que se negligencia a palavra como função de reconhecimento (...) do desejo (207).

Ali Lacan fala do momento em que o imaginário e o real da situação analítica se confundem (212). A interpretação tem efeito quando intervém nem antes, nem depois, mas no momento preciso em que o que está prestes a eclodir no imaginário está ao mesmo tempo ali na relação verbal com o analista (212). O real aparece aqui no sentido

do algo dito realmente. E neste momento, Lacan passa à questão do trauma do “Homem dos lobos”: o trauma, como ação traumatizante, intervém après-coup e Lacan fala ali de recalque simbólico (215).

Lacan questiona Balint e sua insistência no ego forte ou fraco, caráter forte ou fraco, análise devendo servir a reforçar o ego. Para Lacan, deve se partir do sistema simbólico, da língua comum. O inconsciente é no sujeito uma cisão do sistema simbólica (...) o supereu é uma cisão análoga que se produz no sistema simbólico integrado pelo sujeito (220).

Lacan critica a focalização pela psicanálise das relações de objeto, associada a um puritanismo que tenta uma purificação dos termos demasiado libidinais, por exemplo, o termo sádico.

Balint estaria apagando o registro simbólico e o registro imaginário, dando aos objetos um valor absoluto. Ele propõe um recurso em apelo ao real (...). Balint nos diz como operar - criar uma atmosfera, (...) isso hesita nas bordas do indizível e ele faz então intervir a realidade, o que ele chama o acontecimento. (...). A limitação dos meios da análise coloca o problema de saber em que plano se passa nossa ação. Balint é levado a fazer apelo a despertar todos os registros do real. O real não é sem motivo que está sempre no último plano, e que não o designo nunca diretamente em meus comentários aqui. Ele é justamente, propriamente falando, excluído. E Balint, não mais do que um outro, o fará entrar. Mas é ali que se dirige seu recurso em apelo. Fracasso da teoria que corresponde a este desvio da técnica (230). O que chama atenção aqui é o singular “registro do simbólico”, o singular “registro do imaginário” e o plural “todos os registros do real”. Um deles seria justamente o real do acontecimento. Mas o que é propriamente real está excluído, ou melhor, e efeito de uma exclusão, pois, como Lacan disse na primeira parte deste Seminário, é a palavra que é “recusada”. O real é o efeito desta palavra “recusada”. Em suas conferências americanas de 1975, Lacan diz: do real que seja completamente real, isso..., ficando esta frase suspensa nas “reticências”, logo antes de definir o real como impossível a penetrar. Chama a atenção que já aqui no Seminário I, ele se refere ao real como “propriamente falando” em oposição a outros “registros do real”.

Tudo parte da possibilidade de nomear, que é ao mesmo tempo destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico, graças a que o registro propriamente humano se instala. É dali que se produz (...) a encarnação do simbólico no vivido imaginário (244). Para a criança, há em primeiro lugar o simbólico e o real, contrariamente àquilo em que se acredita. (...) Se vocês acreditam que a criança é mais

cativa do imaginário do que do resto, vocês tem razão em um certo sentido. O imaginário está ali. Mas ele nos é absolutamente inacessível a não ser a partir de suas realizações no adulto (244).

Esta última afirmação surpreende, além de ser hesitante. Aliás, pois antes Lacan havia falado do real como residual em relação ao simbólico e ao imaginário. Mas como ele usa o plural quando fala dos “registros do real”, pode se tentar entender de que real se trata.

Algumas páginas depois, Lacan fala que a experiência não é total. E definida em um outro plano do que o plano imaginário - o plano simbólico (248). Isto questiona a posição de Balint, que coloca como ponto de partida, por definição a dita emoção, fenômeno de surgimento psicológico que seria ali o real (...) você está com raiva, então dá um murro na mesa (...). Como o ato se desloca em sua finalidade? Como a emoção se desloca em seu objeto? A estrutura real e a estrutura simbólica entram em uma relação ambígua (...). Conforme Balint, a transferência é transferência de emoções. E sobre que se transfere a emoção? Em todos seus exemplos, sobre um objeto inanimado (252). E Lacan acrescenta: Com a *two bodies' psychology* (...) nenhuma simbolização satisfatória (253).

É com a dimensão da palavra que se cava no real a verdade. Não há nem verdadeiro nem falso antes da palavra. Com ela se introduz a verdade, e a mentira também (...). Simetricamente, se cava no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal. A noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, se mostra tão inapreensível quanto à palavra. Pois o ser, o próprio verbo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se sustentam e se balançam, são exatamente correlativos (254). Palavra e oco do ser são correlativos enquanto a nomeação destrói a coisa, enquanto o símbolo é a morte da coisa. Este “cavar o real” é uma expressão que será repetida nestes primeiro Seminários de Lacan. Como se fala de “registros do real”, pode se justificar esta expressão “cavar o real”. Mas sem dúvida não dá para cavar o real propriamente falando, excluído (230).

Quanto à emoção tão badalada por Balint, Lacan lembra que ela é tomada na ordem simbólica, de onde as outras ordens, imaginária e real, tomam seu lugar e se ordenam (263).